

ARTIGO – DOSSIÊ

MEMÓRIA SOCIAL, IMIGRAÇÃO ITALIANA E GENTRIFICAÇÃO NO BAIRRO DA MOOCA

SOCIAL MEMORY, ITALIAN IMMIGRATION AND GENTRIFICATION OF MOOCA'S NEIGHBORHOOD

VERÔNICA SALES PEREIRA*

RESUMO

O artigo analisa as relações entre os processos de reconstrução da memória social e da identidade cultural e as transformações ligadas ao *boom* imobiliário do bairro da Mooca neste início do século XXI. Será abordada a auto-imagem do bairro a partir de sua articulação com: as idéias de comunidade e italianidade e a sua relação com as transformações na segunda metade do século XX, período de sua “desindustrialização”; a posição das classes sociais e dos grupos de imigrantes estrangeiros e nacionais e seus descendentes; e, por fim, a sua reelaboração pelo mercado imobiliário como forma de valorização fundiária e gentrificação do bairro.

PALAVRAS-CHAVE: memória social; identidade cultural; imigração italiana; gentrificação; Mooca..

ABSTRACT

The article analyzes the relations between the processes of reconstruction of the social memory and the cultural identity of the Mooca neighborhood and the transformations related to the real estate *boom* at the beginning of the 21st century. The self-image of the neighborhood will be approached from its articulation with: the ideas of community and Italianity and its relation to the transformations in the second half of the twentieth century, the period of its "de-industrialization", the position of social classes and groups of foreign and national immigrants and their descendants, and finally, its re-elaboration by the real estate market as a form of land valorization and gentrification of the neighborhood.

KEYWORDS: social memory; cultural identity; Italian immigration; gentrification; Mooca.

A virada deste século coloca a cidade de São Paulo frente a mudanças que implicam na reelaboração de experiências de sua formação e que a configuraram como metrópole moderna e cosmopolita: a transição de sua economia, gerada pela desconcentração industrial e conversão em um centro de comando de negócios, finanças e serviços conectado a fluxos globais; a desconcentração demográfica, tornando-a não apenas lugar de destino, mas de passagem dos fluxos migratórios; a reconfiguração urbana de antigas áreas industriais, entre outras¹.

O bairro da Mooca, um dos primeiros e mais importantes bairros industriais da cidade de São Paulo, vive uma intensa reconstrução do seu passado, - que gravita em torno de experiências históricas do século final do XIX e XX, tais como as grandes imigrações, a urbanização, a industrialização, a formação operária, a cultura popular, a desindustrialização - à luz das transformações atuais, nas quais se destaca uma forte expansão imobiliária. Neste início do século XXI, transforma-se em um lugar “estratégico” para empresários, políticos e urbanistas, pois é onde a cidade deve expandir-se.

Vultosos investimentos no comércio, nos serviços e no lazer, atrelados a essa expansão, traduzem-se não só na refuncionalização de edifícios industriais para comércio, mas, sobretudo, na sua demolição para a construção de torres residenciais. Assim, modificam-se substancialmente algumas áreas do bairro, reconfiguradas pelos condomínios fechados com funções habitacionais para as classes média e média alta, com inúmeros

espaços de serviços e lazer, protegidos com aparatos de vigilância e segurança, reproduzindo “os enclaves fortificados”², muitos dos quais na variante “condomínios-clubes”.

Ao mesmo tempo, uma parte dos moradores do bairro, em especial, a classe média, luta pela preservação do legado arquitetônico industrial, encetando um processo de patrimonialização que oscila entre situações de conflito e aquiescência com o mercado imobiliário e o Estado. Essa preservação do passado arquitetônico, no entanto, revela-se ser um desdobramento de processos mais antigos ligados à preservação de uma memória “imaterial”, expressa em celebrações, efemérides, publicações, etc., e agora, em sua reorganização na internet.

Embora seus moradores dividam-se quanto à verticalização do bairro, há um consenso entre eles e o mercado imobiliário, forjado em torno da(s) imagem(ns) da Mooca: a sua origem italiana e a ideia de comunidade. Abordaremos como a expansão imobiliária traz um aparente paradoxo: ao mesmo tempo em que destrói parte de seu legado arquitetônico e urbanístico, ela o faz a partir do reconhecimento do *status* social da classe média de um bairro cuja origem é popular. A valorização da cultura popular expressa numa “comunidade imaginada” e “tradições inventadas” constitui-se assim, num dos vetores da valorização econômica e gentrificação do bairro.

O bairro da Mooca e a imigração na primeira metade do século XX

Borges Pereira³ argumenta que o Brasil inaugura, no início do século XXI, uma nova fase de seu modelo de sociedade pluriétnica, o que

colocaria em xeque a alegada democracia racial ou étnica (a cordialidade brasileira, o sincretismo cultural e o grande número de híbridos), calcada em uma tríplice e histórica vocação de anular o “diferente”: integracionista no plano estrutural ou social; assimilacionista no plano cultural; e miscigenacionista no plano biológico. Esta seria “a fase das elaborações e reelaborações das identidades étnicas de segmentos populacionais que, real, ou aparentemente, haviam se despreendido de suas raízes histórico culturais sob a pressão direta ou indireta de um sistema inibidor de alteridades étnicas (...)”⁴.

Segundo o autor, esse processo envolveria inclusive os italianos, considerados pelo escritor Mário de Andrade como os mais brasileiros dos brasileiros já na segunda geração⁵. No contexto paulistano, essa presença étnica se manifestaria nos denominados “bairros italianos”, onde predominariam as famílias desses grupos e seus descendentes de várias gerações⁶. O bairro da Mooca é um caso multifacetado e complexo deste processo.

Seu território original formou-se do fracionamento das chácaras e sítios que ocupavam as terras baixas e planas nas várzeas do rio Tamanduateí, ao pé da colina na qual se originou o núcleo colonial da cidade e por onde se abriam os caminhos e estradas que ligavam aquele núcleo ao litoral e ao Rio de Janeiro.

São esses caminhos que vão possibilitar a implantação, a partir do final do século XIX, das ferrovias, bem como as instalações fabris e a moradia de trabalhadores⁷.

Em uma espécie de “periferia no centro”⁸, o bairro constituiu-se em um imenso território popular ao longo do século XX, formado por múltiplas correntes migratórias, internacionais e nacionais, que o configuraram, ao lado do bairro do Brás, como uma “porta de entrada da cidade”, pois é na divisa entre ambos que se situava a Hospedaria dos Imigrantes e a ferrovia.

Segundo Duarte⁹, a Mooca talvez tenha sido, até 1950, um dos bairros mais plurais da cidade, percepção presente entre os seus moradores e os dos bairros vizinhos.

A sua conformação étnica poderia ser considerada a seguinte¹⁰: na segunda metade do século XIX, a presença de portugueses e seus descendentes¹¹. A partir de 1870 – quando se inicia a imigração massiva de europeus – é marcante a presença de italianos oriundos de todas as regiões, em especial, da Campânia, bem como de espanhóis, também de várias regiões. Esses grupos continuam a migrar para o bairro no início do século XX, acrescidos, a partir de 1920, dos imigrantes da Europa Centro-Oriental - russos, lituanos, poloneses, estonianos, letos, ucranianos e, em menor número, alemães e húngaros, - todos apelidados pelos moradores do bairro de “húngareses”. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, um novo ciclo de “húngareses” chega ao bairro: sérvios, croatas, montenegrinos, macedônios, eslovenos e bósnios, mas em menor número¹².

A “mitologia da comunidade” e as transformações no bairro na segunda metade do século XX

Na segunda metade do século XX, profundas mudanças configurariam os bairros centrais e mais antigos: em fins dos anos 40, a Mooca, que era o bairro mais populoso da cidade, passa a perder população; nos anos 50, verifica-se a entrada massiva de migrantes nacionais; nos anos 60, a desindustrialização¹³; a partir dos anos 70, um processo de heterogeneização social, no qual a população de baixa renda deixa de ver na periferia uma opção de moradia, devido à sua valorização imobiliária e ao encarecimento, e procura as áreas centrais, cujos casarões abandonados transformam-se em cortiços, alternativa barata de habitação e próxima ao trabalho; e, por fim, como resultado, o aumento da densidade populacional¹⁴. O contexto de crise econômica do país nos anos 80 aprofundou tais processos, atingindo em cheio os bairros do entorno, levando a uma proximidade com os pobres considerada incômoda para as classes médias da Mooca, ao mesmo tempo em que seu padrão de vida cai, com a inflação e o aumento da violência.

Segundo Vargas¹⁵, o modo como as classes médias do bairro significaram essas mudanças expressa-se na “mitologia da comunidade”. Esta seria baseada em uma nostalgia de uma “vizinhança socialmente homogênea, relativamente harmônica, respeitosa e trabalhadora”, que se contraporia à presença de migrantes nacionais, em especial, nordestinos e pobres, aos quais são imputadas as mudanças negativas no bairro e na cidade, como a violência, a limitação da circulação e da sociabilidade. Assim, é operada, segundo o autor, a discriminação - no sentido de distinção social, marcação de *status* e demarcação de uma proteção e distância - frente aos “extra-comunidade”, esses novos moradores, em

geral, trabalhadores pouco qualificados da indústria e do comércio locais. Haveria, portanto, uma polarização implícita entre *Nós*, “famílias tradicionais”, antigos moradores, imigrantes equalizados na figura do “europeu” e os *Outros*, “estrangeiros”, migrantes nacionais, pobres, homogeneizados na figura do “nordestino”¹⁶.

Embora esses processos expliquem, em boa medida, o mito da comunidade, o modo como Vargas aborda a memória do bairro reduz a sua reconstrução mítica à ideologia¹⁷ e a questão das identidades à classe social, sem problematizar a dimensão étnica e regional.

Segundo Duarte, até meados do século XX, a Mooca não havia se tornado um bairro típico de nenhum de seus grupos nacionais e étnicos, apesar do peso expressivo das imigrações espanhola e “húngara”¹⁸. Além disso, estas identidades estavam mais associadas aos vínculos étnicos, dos vilarejos e das regiões de origem do que a uma identidade nacional. Todavia, essa heterogeneidade entre os grupos e internas a eles, acrescida da diversidade ocupacional e das clivagens políticas, foi amalgamada por um sentido e uma mitologia de comunidade.

Para o autor, este sentido de comunidade, presente nas descrições sobre o bairro dos anos 20, 30, 40 derivou da partilha de experiências comuns e do sentimento por elas produzido em uma Mooca que, até meados do século XX, era considerada a periferia da cidade, destino de muitos trabalhadores imigrantes:

A experiência da imigração e o sentimento de exclusão social vivenciados nos bairros periféricos da cidade talvez tenham sido capazes de conectar tempos, espaços e condições sociais diversas, estabelecendo a percepção de uma jornada comum,

onde imigrantes e seus descendentes se reconheciam como *companheiros de viagem*. Dessa jornada comum emerge *uma consciência de conexão*: por que estamos nós... aqui... juntos?”¹⁹.

Se esse sentido de comunidade enraíza-se nesta jornada, a sua reinvenção mitológica, no entanto, alimenta-se nas mudanças que o bairro viveu na segunda metade do século XX²⁰, que coincidem com uma hierarquização espacial no bairro, dividido pela ferrovia entre a Mooca de baixo - mais antiga, ainda operária, mais empobrecida, com mais cortiços, ocupada por imigrantes europeus (italianos, espanhóis, portugueses), seus descendentes e migrantes nacionais; - e o Alto da Mooca – ocupada nos anos 20, enobrecida, composta de uma classe média formada por aqueles grupos de imigrantes e seus descendentes, por “húngareses” e migrantes nacionais²¹.

Para Duarte, a construção dessa experiência de alteridade entre o imigrante estrangeiro e o nacional também deve-se à confiança e às expectativas frustradas das políticas desenvolvimentistas dos anos 40-60, que limitaram a mobilidade social, alcançada até então pelos descendentes de migrantes europeus e os afastava das dificuldades de seus pais e avós e na precarização das condições de vida na cidade. Assim, a nostalgia teria também um sentimento implícito de perda de *status*, de medo de descenso social, levando à criação de distinções e exclusões frente à proximidade espacial de migrantes nacionais e dos mais pobres, cuja chegada, no momento daquelas transformações, será vista como sinal de “decadência” do bairro.

Segundo Duarte, a Mooca italiana seria uma “invenção” - no sentido que Benedict Anderson problematiza o termo²² -, uma comunidade imaginada ligada àquela jornada comum, mas talvez forjada “pela busca de uma virtude perdida, virtudes cultural e socialmente legitimadoras, em face ao rápido crescimento numérico do *Outro*; e pela tentativa de uma representação singular e autêntica diante das enormes transformações que multifacetavam o bairro e a cidade”²³.

O autor conjectura sobre essa busca legitimadora expressar-se na tipicidade italiana em um bairro que até então era pluriétnico: por ser uma identidade já assumida em uma cidade com uma forte presença italiana; pela fácil assimilação e dispersão territorial dos espanhóis; pela saída dos “húngareses” para o bairro da Vila Zelina²⁴.

A festa de San Gennaro, realizada pela paróquia situada na Mooca de baixo, foi decisiva, ressalta o autor, neste momento de invenção da “Mooca italiana”. Pela primeira vez comemorada em 1973, a pequena quermesse realizada, diga-se de passagem, onde era um conhecido cortiço de espanhóis, a Vila das Flores ou *Vila La Mierda*, foi se ampliando até entrar no calendário turístico da presença italiana na cidade²⁵.

Os perfis da italianidade na sociedade brasileira

Sem secundarizar a importância das inúmeras correntes migratórias na formação do país, Borges Pereira²⁶ salienta que, após os portugueses, índios e negros - o “núcleo básico” da nacionalidade -, são os italianos que marcam numericamente sua presença na constituição da sociedade brasileira.

Até o ano 2000, pelo menos 1 milhão e 500 mil italianos (30% do total de imigrantes) chegaram ao Brasil a partir de 1870/1875, marco da grande imigração italiana²⁷. Isso sem contar com os seus descendentes que, assim como os dos demais grupos de migrantes, ao entrarem nas categorias censitárias como “brasileiros natos” e “brancos” – têm suas especificidades biológicas e culturais diluídas e impossibilitam precisar seu número na população²⁸.

Já na cidade de São Paulo, os italianos chegaram a ser 50% da população no começo dos século XX e só perderam o posto de maior grupo estrangeiro na cidade em 1940, superados pelos portugueses²⁹.

Para Borges Pereira, diferentes perfis da italianidade se expressariam no Brasil no plano sociocultural, em termos do erudito e do popular, e no plano da fixação no país, entre o imigrante e o colono. Esses dois pares de perfis são dialéticos, operando não apenas em uma dinâmica de misturas, complementaridades, mas também de distanciamentos e oposições. Todavia, no Brasil, o perfil popular eclipsou o perfil erudito³⁰:

São eles – pobres, urbanos e camponeses – os novos atores sociais que colocam em cena brasileira a Itália da cultura popular. Uma cultura associada de forma estreita, mas não exclusivamente, ao trabalho árduo do campo e das cidade, aos rituais festivos e religiosos, à culinária, e que dá os parâmetros com os quais se constrói hoje, no Brasil, a representação do italiano.³¹

Essa Itália, da cultura popular, é, portanto, “arcaica, pobre, lúdica, camponesa, localista, regional”. Ao ser cultivada por imigrantes e descendentes, essa italianidade constrói-se de forma *contrastiva* com a sociedade brasileira, produzindo uma série de ambiguidades³².

Ao mesmo tempo, talvez seja por este perfil de italianidade que se costurem as compatibilidades étnicas entre brasileiros e italianos, sugeridas pelo autor, baseadas na latinidade e no catolicismo; no maior tempo de permanência e a onipresença no país, - esgotando ou naturalizando os preconceitos sofridos pelos segundos no início da imigração³³. Essa onipresença italiana se expressará na política, nas expressões artísticas, nos hábitos alimentares, nos cultivos agrícolas, nas expressões linguísticas, nos padrões organizatórios familiares³⁴. Essas afinidades não implicariam na absorção de uma cultura pela outra, mas dá margem a “um dualismo cultural duradouro, sincrético, quase sistêmico”³⁵.

Esse perfil italiano construído traz também um sentido político, levando-nos a alargar o entendimento da construção do “mito da comunidade”, em sua tipicidade italiana, frente à tese de Borges Pereira, de que a política nacional buscou anular a expressão das alteridades étnicas e nacionais desses imigrantes.

O governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foi inibidor e repressivo em relação à imigração e ao imigrante³⁶ ao restringir, por meio do regime de cotas, sua inserção no mercado de trabalho e entrada no país. Essas limitações tinham como objetivo preservar o trabalho dos nacionais na crise de desemprego, aprofundada depois de 1929, e dificultar a organização dos movimentos operários, muitos liderados desde o início do século XX por imigrantes europeus, em especial, italianos e espanhóis. Já na Segunda Guerra Mundial, essa política repressora retornou em relação aos imigrantes originários dos países do “Eixo” - Itália, Alemanha, Japão -, impondo-lhes restrições de ordem social, política e econômica.

De acordo com Freitas³⁷, a identidade étnica de imigrantes estrangeiros no Brasil quase sempre teve um significado maior do que a identidade nacional, mesmo após a Segunda Guerra Mundial, e uma de suas principais manifestações vinculava-se à criação de entidades associativas, em particular, de cunho assistencialista. Para a autora, a política varguista modificou a livre expressão dessas etnicidades através do controle sobre essas associações, da proibição de falar a língua estrangeira, da interdição da publicação de jornais e do fechamento ou nacionalização das escolas de imigrantes. Tais medidas, em especial as duas últimas, não apenas deslocaram fortemente a expressão étnica para o âmbito familiar, como enfraqueceram as comunidades, ao cortar o elo entre as gerações de imigrantes³⁸.

Hall³⁹ observa, no entanto, que essas proibições tiveram impacto maior entre japoneses e alemães, meio a várias razões, talvez porque os italianos fossem mais assimilados e pelos artifícios criados para delas escapar. Todavia, ao problematizar a rapidez da assimilação dos imigrantes italianos em relação à língua, o autor questiona os dados bastante citados que a sustentam, em particular, um recenseamento brasileiro de 1940, que informava que apenas 13% dos italianos no Estado de São Paulo preferiam falar sua língua materna e só 8,7% eram incapazes de falar português fluentemente⁴⁰. Ora, esse recenseamento foi realizado logo após o longo período de repressão do Estado Novo contra os “quistos étnicos”, encobrendo um viés lógico: o temor dos respondentes em identificar-se como “não assimilados”.

A despeito dessas proibições, esses grupos resistem, buscando preservar posteriormente suas identidades étnicas por meio de inúmeras formas. Segundo Freitas, “O retorno e/ou visitas à origem, buscam ou reafirmam suas raízes. Descendentes de imigrantes de primeira, segunda ou terceira gerações podem perder a língua, costumes e tradições, mas não perdem o sentimento de pertencer a um grupo étnico.”⁴¹

Em que medida a reelaboração do mito da comunidade “mooquense”⁴², em sua tipicidade italiana, guarda uma memória recalcada desses processos, sem necessariamente experimentar “o retorno e/ou visitas à origem” das gerações posteriores, mas ao reconstruir no bairro um sentido de lugar, por meio da ideia de “nação”?

Uma tradição inventada: Mooca, um “bairro-nação” italiano?

Justamente na década de 80 – logo após a recém-criada festa de San Gennaro -, a Mooca amarga as transformações que ameaçam a autoimagem de parte de seus moradores - esse processo de invenção é formalizado e ritualizado por indivíduos, grupos e instituições do bairro. A Mooca torna-se mais do que um bairro, ganhando *status* de uma “nação”, ao passar por práticas de natureza ritual ou simbólica, assemelhadas às de construção de uma identidade nacional, entre as quais o “mito de comunidade” é condição necessária, mas não suficiente.

Um intenso trabalho de “invenção das tradições”⁴³ do bairro é realizado: a mudança da data de seu aniversário, de 1867 para 1556, convergindo com o da fundação da cidade (1985); a construção de um monumento a José de Anchieta, fundador da cidade, marcando essa

mudança (1985); a instituição de um núcleo museológico em sua biblioteca pública (1986); a criação de um brasão e de um hino (1991); a publicação de jornais e revistas; e, posteriormente, um *site*, o Portal da Mooca⁴⁴.

Essas tradições são inventadas, segundo Hobsbawm⁴⁵, pois, ao parecerem ou serem consideradas antigas, na verdade são constituídas recentemente e visam à continuidade em relação ao passado histórico, estabelecida de forma artificial, em resposta a transformações amplas e rápidas vividas pelo grupo.

Hobsbawm classifica essas tradições em três categorias superpostas: as que estabelecem ou simbolizam a coesão social; as que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade; e aquelas que visam à socialização, à inculcação de ideias, valores, comportamentos.

Poder-se ia dizer que essas tradições são forjadas por meio de um trabalho de “enquadramento da memória”⁴⁶, que pressupõe o caráter reconstrutivo e negociável da memória coletiva⁴⁷ e que recombina e reinterpreta os conteúdos fornecidos pela história, não somente mantendo, mas também modificando, as identidades sociais, reinterpretando o passado à luz dos embates atuais e futuros⁴⁸.

No entanto, a arbitrariedade e a falsificação do passado são limitadas pela necessidade de justificação, credibilidade e coerência, com o risco de pôr em xeque a identidade individual e do grupo, na medida em que não possam mais “se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização”⁴⁹.

O enquadramento pressupõe entender como, “de cima para baixo”, as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, por seus “atores profissionais” (“historiadores amadores”, “guardiães da memória”, etc.), por meio dos modos de representação, transmissão e objetivação do passado (livros, efemérides, monumentos, etc.) - e o procedimento inverso, no qual as memórias individuais expõem os limites desse enquadramento e, ao mesmo tempo, revelam o trabalho da subjetividade⁵⁰. Trabalho, portanto, que pressupõe complementaridades, disputas e negociações entre memórias informais, de grupos dominados, e a memória oficial, dos grupos dominantes.

Esse “enquadramento da memória” do bairro refere-se aos períodos de formação e sua transformação, apontados por Duarte e Vargas, na constituição de um mito de comunidade. Todavia, sua continuidade nas tradições inventadas vincula-se também a um contexto mais amplo e internacional de desenvolvimento e disseminação, a partir dos anos 70, de uma “cultura da memória”⁵¹, na qual a indústria cultural e o Estado têm um papel decisivo.

Neste sentido, no contexto brasileiro, a década de 80 assistiu à redemocratização e à demanda crescente pela afirmação de identidades sociais e culturais⁵² com a correlata representação do bairro e da imigração europeia - em especial, a italiana - sobretudo pelas telenovelas e minisséries de TV, notadamente da emissora Globo⁵³. Esses processos intensificaram-se e consolidaram-se posteriormente, com a transformação da Hospedaria dos Imigrantes em Memorial do Imigrante (1998) e as comemorações ligadas aos 500 anos do Brasil (2000), buscando conformar a identidade

da cidade, do estado e do país a partir do imigrante, em especial, o italiano⁵⁴. Agora, mais de meio século depois das políticas do governo Vargas, o Estado, em âmbito do governo estadual, novamente participa da invenção - e inversão - da imagem da imigração estrangeira, em especial a italiana, que passa a ser reconhecida, comemorada e oficializada.

Assim, articulando-se a este processo mais amplo, essa invenção das tradições encontra seu auge em 2006. Dois anos após as comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo, o bairro também festeja os seus, com reinaugurações, selos comemorativos, edições e reedições de livros⁵⁵, exposições⁵⁶, *blogs*, *sites*. Em 2007 e 2009, a festa de San Gennaro e o sotaque da Mooca são reivindicados como patrimônio imaterial da cidade⁵⁷.

O principal sujeito desse enquadramento da memória dominante e oficial do bairro é uma parte de sua classe média, descendente, sobretudo, de imigrantes italianos - com outras nacionalidades -, organizada em torno de indivíduos, grupos, associações e instituições como o Conseg Mooca (Conselho Comunitário de Segurança), A Escuderia Pepe Legal, a Amo a Mooca, o Rotary Club, a Associação Comercial e empresas e políticos da região.

Tal processo tem, no jornais e revistas do bairro, mas sobretudo no *site* Portal da Mooca⁵⁸, uma fonte primordial, a partir da qual a grande imprensa e o mercado imobiliário encontrarão a matéria prima para retratar o bairro e enquadrar suas memórias.

Na página “Famílias” da Mooca, das 10 famílias listadas, todas são de origem italiana, não pertencem a uma região específica da Itália, e as

suas redes de sociabilidade foram tecidas em torno de um território do bairro, entre as ruas Javari e Hipódromo⁵⁹.

Na página “Características da Mooca”, escolhemos alguns trechos sobre a sua definição:

Quem o vê como “provinciano e macarrônico (...) conforme muitas vezes já *ironizaram* as *inúmeras novelas e programas humorísticos da televisão*, não está muito errado.

Este bairro possui características muito próprias que o *distingue de todos os demais bairros* de São Paulo. Uma dessas características é a forma de falar de seus moradores: a Mooca possui um *sotaque próprio*, inconfundível. Mesmo quem não é originário de lá, mas que ali vive já há algum tempo, *adquire esse sotaque*, esse *jeito de falar com as mãos*.

Mesmo sem ser um bairro do qual se poderia orgulhar pelo status social, o mooquense tem orgulho em dizer que é morador da Mooca. (...)

A Mooca é mais ainda: *é um estado de espírito*. Esse estado de espírito que só os *mooquenses natos* conseguem entender, mas não explicar, *vem da época em que ali havia tempo e espaço para as longas conversas nos portões*.

O perfil da italianidade, em sua vertente popular e híbrida, é a tônica do texto, que busca definir a identidade do bairro em relação à cidade a partir de vários níveis, nos quais se operam inclusões e exclusões.

O primeiro nível refere-se às representações sobre o bairro pela indústria cultural, no caso, pela telenovela, que tem um papel fundamental no Brasil⁶⁰, na construção da identidade nacional e, portanto, de uma comunidade imaginada. Há aqui uma ambiguidade em relação às

representações e à construção desse perfil popular da italianidade, entre a recusa aos estereótipos e a aceitação pelo seu reconhecimento na telenovela.

Já o segundo diz respeito à língua, que distinguiria o bairro em relação a todos os demais da cidade: o sotaque e a linguagem corporal. Todavia, se os italianos se fizeram presentes em toda a cidade, com destaque para os bairros do Brás e Bexiga, eles também não partilhariam essa forma de linguagem? Estando além do nosso limite responder a essa questão, a substituímos: em que medida a valorização do sotaque da Mooca não seria uma afirmação ou resistência tardia, ainda que muito reelaborada, dessas identidades étnicas e regionais, por um lado, frente à assimilação, no plano cultural, pela língua portuguesa, e por outro, em relação às sombras da política varguista de proibição de falar o italiano que ainda pairariam de forma nas gerações posteriores?⁶¹

O terceiro nível faz referência à questão do *status* social. A dimensão da classe social e da experiência da imigração emerge e relaciona-se aos trabalhadores imigrantes, pais, avós, bisavós desses moradores de classe média, e à sua própria geração, que ascendeu socialmente, mas que ainda guardaria essas marcas de origem e seus estigmas correspondentes. A imagem da ausência de *status* vincularia, assim, a posição da Mooca nas origens da cidade como um bairro popular periférico e os preconceitos em relação aos imigrantes no período das grandes imigrações.

Finalmente, se a língua (o sotaque) é passível de transmissão para qualquer um, “para quem não é originário” da Mooca⁶² e, portanto, ser inclusiva, o mesmo não se pode dizer quanto ao “estado de espírito”,

compreensível apenas aos “mooquenses natos”, ou seja, certos afetos, inefáveis, que só o grupo vinculado àquele território poderia partilhar, e que remetem a um tempo e espaço mítico das origens da “comunidade imaginada”.

Um poema de Guido Piva, morador da Mooca, é exemplar, e cuja influência “macarrônica” de Juó Bananere é explícita:

Móca é um paese dentro da cidadi.
Móca te suo canto próprio.
Móca é Móca.... Bairro é bairro.
Ela é mai qui um paese, mai grande qui cidadi,
Nó importa seo tamanho, no importa sua idadi:
Qui lá mora... ta contenti.
Qui vaimbora te sodadi
Orra meu ! Qui bairro !⁶³

O boom imobiliário

Essa memória vai passar não só por um reconhecimento, mas ganhar um novo sujeito em seu enquadramento, o mercado imobiliário, agora no contexto recente de forte expansão imobiliária do bairro.

Entre 1993 e 2009, o bairro recebeu cerca de 91 lançamentos residenciais verticais⁶⁴, revelando-se 2004 o ano da grande “virada”, segundo *ranking* de lançamento imobiliários, quando o bairro subiu de um incipiente 29º lugar em 2003, para o 4º lugar em 2004, apresentando maior crescimento absoluto no número deste tipo de lançamento na cidade⁶⁵.

Essa virada teve, entre inúmeras razões, a implantação do novo Plano Diretor, aprovado na Câmara Municipal em 2002. Por meio da

outorga onerosa, permitiu-se, por exemplo, a construção em até quatro vezes o tamanho do lote. Enormes torres com uma média de 30 andares passaram a despontar no céu em condomínios residenciais fechados de médio e alto padrão, alguns dos quais atingindo a marca de cerca “50 itens de lazer”, desde a tradicional piscina, até “parques privativos” e “praça de aromas”.

No entanto, a liberação dos entraves legais para a ocupação de um bairro dotado de uma forte infraestrutura urbana, localizado no perímetro central da cidade, não se faz suficiente. Uma intensa estratégia publicitária é utilizada com um duplo fim: estabelecer-se em um bairro com uma prática associativa historicamente importante (Duarte, 2002), e que participou na elaboração dos Planos Diretores Regionais em 2004, inclusive, na indicação de áreas de preservação cultural, as ZEPECS (Zonas Especiais de Preservação Cultural); ao mesmo tempo, atrair novos moradores, em um contexto econômico de expansão do crédito e franco crescimento do país, para um bairro onde, a despeito da centralidade e da infraestrutura-urbana, ainda pairavam as “sombras” da “desindustrialização”.

As incorporadoras Setin e Abyara destacam-se nesse processo por serem as pioneiras no bairro; pela quantidade dos lançamentos e pelo tamanho de seus empreendimentos; pela sofisticação de suas estratégias publicitárias, ao incluir eventos e práticas de outros domínios, como por exemplo, a do patrimônio histórico; e pela sua intensa circulação na grande mídia impressa. Em síntese, ambas têm um papel de peso na reinvenção da imagem do bairro, a ponto de renomear de “Nova Mooca” todo um

perímetro onde concentram seus maiores lançamentos, bem como preparar uma imagem que será reproduzida com pequenas variações pelas outras incorporadoras.

Os elementos que constituem essa imagem são: “tradição”, “família”, “fidelidade ao bairro”, “pessoalidade”, “comunidade”, “imigração”, “imigração italiana”⁶⁶.

O *marketing* imobiliário e o passado da Mooca

O mercado imobiliário reconhece, reitera e estiliza a imagem dominante e oficial do bairro “tradicional” imigrante, mas “tipicamente italiano”, em seu perfil popular.

Segundo os incorporadores, os empreendimentos caracterizam a Mooca como o “bairro do futuro” sem “perder o *glamour* do passado”⁶⁷. A utilização e interpretação da toponímia do bairro é emblemática. A versão mais aceita seria a de que Mo oca é uma expressão tupi-guarani que significa “fazer casa”, o que faz coincidir e legitimar a intensa atividade imobiliária às supostas origens do bairro. Se a mudança na idade do bairro constrói uma continuidade temporal que remete à uma ancestralidade primordial tupi-jesuítica da cidade, a toponímia reforça (ou atestaria) esse vínculo.

Na descrição de seus espaços, o passado industrial é retomado sob a noção de “paisagem”, caracterizada por uma estetização que abstrai qualquer referência ao lugar, e relaciona-se ao consumo: “Daí, também o aparecimento de instalações fabris (...) ocupando galpões de tijolo aparente



que configurariam um perfil peculiar à paisagem, que até hoje exhibe o desenho das chaminés dessas fábricas.”⁶⁸

Figura 1. Condomínio residencial “La Dolce Vita Nuova Mooca”. Informe Publicitário. Agra Fal 2/Setin/Abyara.

Passa-se, então, à apresentação de seus moradores e de suas características, reiterando-se a descrição do Portal da Mooca, na qual o bairro é definido como um “estado de espírito”, materializado nos seus modos de comer, de falar: “Logo vieram os imigrantes – italianos, em especial -, e a Mooca ganharia o calor humano dessa gente que influenciou o paulistano com seu jeito de falar com as mãos, a cantoria, a alegria e o hábito de comer massas. Tanto que atualmente o bairro tem mais de 100 pizzarias”.⁶⁹

A modernização da região faz surgir uma nova Mooca.

Habitação *Evolução urbanística do bairro não afetou sua essência tranqüila*

Um rápido passeio pela história da Mooca mostra que o bairro vem se desenvolvendo junto com a cidade, sem, no entanto, perder as características originais com que foi fundado, há quase 400 anos. A forte presença

A Mooca desponta como bairro do futuro recebendo novos empreendimentos sem, contudo, perder o glamour do passado

indígena se faz lembrar não só em muitos nomes de ruas – Cassandoca, Javari, Taquari, Araribóia, Juatindiba, Tabajara, entre outras –, como no do bairro: Mooca, ou seja, 'fazer casa'. Outra versão, também de origem indígena, seria 'ares saudios'.

A vocação industrial do bairro, delimitada pelas linhas férreas que delimitaram a região, impulsionou

os operários a habitarem na região. Daí, também o aparecimento de instalações fabris – fiações de algodão e tecelagens –, ocupando galpões de tijolo aparente que configuraram um perfil peculiar à paisagem, que até hoje exibe o desenho das chaminés dessas fábricas.

Logo vieram os imigrantes – italianos, em especial –, e a Mooca ganharia o calor humano dessa gente que influ-

enciou o paulistano com seu jeito de falar com as mãos, a cantoria, a alegria e o hábito de comer massas. Tanto que atualmente o bairro tem mais de 100 pizzarias.

A modernidade chegou à Mooca, mas ainda permanecem suas encantadoras características. O bairro passa por um processo de revitalização, com a preservação e recuperação de seus galpões

industriais, hoje desocupados, a implantação de importantes vias expressas como a Radial Leste, que liga o bairro a outras regiões da cidade, e o início da verticalização que não apagou a agradável atmosfera de cidade do interior, com suas ruas tranqüilas e arborizadas e o papo amigo com os 'bellos' da vizinhança.

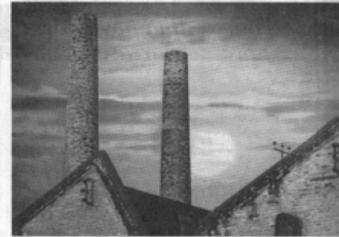


Foto do Bairro

Novos investimentos potencializam a infra-estrutura comercial do bairro



Foto do Bairro

A maior concentração de transformações no bairro ocorreu ao longo da Avenida Paes de Barros, o coração da Mooca. Ali há toda a infraestrutura de comércio, lazer e serviços.

Ao se falar em Mooca, a associação é imediata com cantinas e pizzarias e, logicamente com a tradicional festa de San Gennaro. Claro

que essa marca do bairro é inesquecível e há excelentes representantes como a cantina Don Carlini, a famosa pizzaria São Pedro e a rotisserie Di Cunto, entre tantas.

O bairro possui uma completa infra-estrutura com tudo que o morador precisa para ter um dia-a-dia prático e fácil, otimizando seu tempo. Além de três universidades:

São Judas, Anhembimorumbi e Capital, sendo que esta última brevemente, inaugurará um shopping na avenida. Várias empresas perceberam este crescimento e estão investindo na região como, por exemplo, o Shopping Anália Franco, a apenas 15 minutos do bairro, e grandes redes de supermercado que deverão instalar na Mooca.

Figura 2. Condomínio residencial “La Dolce Vita Nuova Mooca”. Informe Publicitário. Agra Fal2/Setin/Abyara

Quando se descreve a sociabilidade do bairro, a “mitologia da comunidade” é evocada por meio da reprodução de um depoimento de uma “mooquense”, uma das proprietárias e neta do fundador da doceria DiCunto: “As novas gerações conservam os hábitos que os italianos trouxeram para a Mooca: calor humano, alegria e solidariedade”. Hábitos que se conservariam nas ruas: “o início da verticalização que não apagou a agradável atmosfera de cidade do interior, com suas ruas tranqüilas e arborizadas e o papo amigo com os ‘bellos’ da vizinhança”⁷⁰

Essa sociabilidade fraterna da imigração italiana materializa-se na festa: (...) “Ao se falar em Mooca, a associação é imediata com cantinas e pizzarias e, logicamente com a tradicional festa de San Gennaro.”⁷¹

Em um dos editoriais que abrem o Guia de Bairro da Mooca, da incorporadora Cyrela Brazil Realty, todos estes traços são reiterados e complementados com outras características:

A preservação desse espaço [a Hospedaria dos Imigrantes] mostra a segunda característica especial: *a preocupação com a memória, uma nostalgia* que não deixa as coisas boas irem embora com o tempo. O terceiro fator importante *é a união dos moradores*, que, juntos à iniciativa pública, fizeram do bairro um dos *mais seguros de São Paulo*. É tanta paixão que uma pesquisa do Datafolha feita em 2007 mostrou que a Mooca é o melhor bairro para se morar em São Paulo.⁷²

Mas, distintas das estratégias de *marketing* usuais das páginas de jornais, destacam-se aquelas inovadoras nas ações de “relacionamento”⁷³. O *marketing* institucional da Setin é assim, emblemático, pois sua “preocupação” com a vizinhança e a “comunidade do bairro” levou ao desenvolvimento de práticas artísticas aliadas às “questões ambientais”, de “inclusão social e cultural”, sintetizando esse intensiva “valorização cultural” do bairro pelas empresas imobiliárias.

Em uma alusão às ações de educação patrimonial do programa Monumenta, a empresa lança o projeto Tapume, que retrata a história ilustrada do bairro nos tapumes do canteiro de obras dos condomínios residenciais⁷⁴, pela dupla de chargistas Gepp e Maia⁷⁵. O tapume incorpora, assim, as práticas patrimoniais às artísticas.

De acordo com o responsável pelo seu *marketing* institucional, o bairro é visto como “uma ‘comunidade’, portadora de uma ‘tradição’, ligada com ‘as antigas famílias’ que são as ‘celebridades’ e ‘formadores de

opinião’, alvo principal do ‘trabalho de relacionamento’ da empresa’⁷⁶: a classe média organizada nas associações locais.

A pesquisa para as ilustrações dos tapumes empregou a história oral com os moradores mais antigos, um mapeamento do bairro, a localização do empreendimento e do seu entorno, e a “identificação” de seus “pontos marcantes”. Segundo o empresário, “Nós pegamos os principais valores culturais do bairro, a história do passado até o seu presente, e identificamos eles no tapume. Então, a pessoa que está passando por lá, o cliente que comprou aquele apartamento, ele vai falar, “Nossa, mas *onde é que eu estou aí dentro dessa história?*”⁷⁷



Fig 3. Tapume do condomínio residencial “La Dolce Vita Nuova Mooca”, de Gepp & Maia. Agra Fal2/Setin/Abyara

Considerações finais

A construção da imagem da Mooca deve ser entendida com referências a esses contextos distintos, nos quais vários processos entrecruzam-se. O bairro emerge como uma comunidade imaginada, constituindo-se em um *lugar*, como uma “construção concreta e simbólica do espaço”, caracterizado por dimensões “identitárias, relacionais e históricas”⁷⁸. Suas tradições inventadas assemelham-no a uma “nação”, permitindo a uma parte de seus moradores a expressão reelaborada de suas identidades étnicas, regionais e nacionais, mas sem necessariamente bloquear ou censurar as ambivalências delas decorrentes.

A sua tipicidade italiana é uma invenção enquanto um processo simbólico de reelaboração dessas identidades que envolvem gerações, ao incluir seus descendentes. Nesse sentido, se esta invenção em muito reflete a dimensão de classe na experiência frente à chegada dos migrantes nacionais; às formas de assimilação e à mobilidade dos outros grupos de imigrantes, como os espanhóis e “húngareses”; às transformações que afetaram o bairro e a cidade a partir dos anos 40, incluindo agora a recente “chegada” do *boom* imobiliário, por outro lado, ela responde, em alguma medida, a uma dimensão política, ou seja, às várias formas como o Estado nacional direcionou suas políticas em relação a essa imigração e às suas expressões, seja reprimindo-as durante o contexto autoritário e nacionalista, seja celebrando-as, como nos governos democráticos mais recentes. Essas celebrações fazem-se no bojo de uma “cultura da memória” na qual a indústria cultural participa ativamente, ao representar essas diferenças na construção da identidade nacional.

Língua (sotaque), bandeira, hino, efemérides... Em todas essas tradições inventadas na comunidade imaginada da “Nação” “mooquense”, conviveriam não apenas a celebração, mas também a irrupção do esquecido (ou censurado), no seu processo de enquadramento?

A Mooca seria uma “nação” que não é só a italiana – posto que as identidades de seus imigrantes se baseariam mais na etnia e/ou na região – nem a brasileira, que em sua integração, assimilação e miscigenação, “anulariam” o diferente –, mas um sincretismo de ambas. Ela não pode restringir-se à sua vertente dominante, italiana, com o risco de negar a miscigenação e a presença de outros grupos de imigrantes do bairro na sua identificação com o “mito de comunidade”.

Processo cultural, mas também político, social e econômico, essa tipicidade italiana vincula-se às posições de liderança de seus atores nas associações de bairro: uma forte classe média descendente de imigrantes europeus que reelabora a italianidade por meio do enquadramento da memória e reatualiza a “mitologia da comunidade”, como uma imagem oficial e dominante, sob um novo contexto local: o *boom* imobiliário.

O mercado imobiliário configura-se em um novo ator ao reconhecer, negociar e estilizar o passado, reforçando o processo de construção dessa comunidade imaginada, já formada na década de 80. Modificando urbanística e arquitetonicamente e atraindo novos moradores de classe média e média alta, de dentro e de fora da Mooca; estimulando a expulsão de moradores de baixa renda; apropriando-se do seu legado material e imaterial e recriando estilos de vida, com a oferta de

novas formas de habitação, consumo e lazer, o mercado imobiliário, em uma aliança instável com a classe média local, impulsiona o que parece ser uma gentrificação parcial do bairro⁷⁹.

Não são mais as sequelas da desindustrialização ou dos anos de crise, porém a retomada das promessas da modernização, do “progresso” e do “desenvolvimento”, adormecidas nos anos 60, que se reatualizam por meio da verticalização e da concentração no espaço de uma classe média imigrante ou descendente que ascendeu socialmente nestes territórios populares.

Todavia, a apropriação e reelaboração do mito de comunidade em seu perfil italiano pelo mercado imobiliário guarda ambiguidades.

Em primeiro lugar, levou a um reconhecimento do capital social e cultural dessas classes médias de origem popular e à realização de suas expectativas de progresso. Ao mesmo tempo, foi uma forma de penetrar no bairro e amaciar uma potencial resistência à sua verticalização. A histórica organização e mobilização política de seus moradores – seja à esquerda, seja à direita⁸⁰ – não é desconhecida pelo mercado, e fez-se observar durante a sua participação na elaboração do Plano Diretor Regional em 2002, quando da seleção e indicação de edifícios a serem preservados, revelando uma preocupação com o legado histórico e arquitetônico do bairro.

Essa ambivalência explica, em parte, o dissenso ocorrido, quando essa resistência potencial ao mercado imobiliário concretizou-se em um episódio, cuja repercussão irradiou-se para a cidade: o projeto de um condomínio residencial fechado no Moinho Minetti-Gamba⁸¹. Entre a

preservação integral e parcial do conjunto fabril, estariam dois projetos distintos dessas classes médias recortados por uma diferença geracional? Os mais velhos, ainda com o imaginário do progresso e defensores da preservação parcial, e os mais jovens, cientes⁸² das sequelas dessas promessas e defensores da preservação integral?

Em segundo lugar, esse enquadramento da memória pelo mercado responde, em parte, aos receios guardados sob o signo da perda e do temor do descenso social e da proximidade com o “Outro”, que hoje representa-se politicamente nos movimentos sociais por moradia da região, rechaçados por parte de moradores do bairro durante a revisão do Plano Diretor da Região em 2006. Nele, a Subprefeitura da Mooca, expressando interesses das classes médias dos bairros do Brás, Pari, Mooca, Belém, Tatuapé, propôs a retirada total da ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) da região, o que excluiria espaços para a habitação popular⁸³.

O processo parcial de gentrificação do bairro da Mooca, por já existir uma classe média antiga, mas também resistências, como na ocupação pelos Sem-Teto da creche Marina Crespi – em negociação com uma incorporadora e em processo de tombamento pelo Estado⁸⁴ –, revela, portanto, as complexas dimensões étnicas, de classe social e geracionais que atravessam a construção do “típico bairro italiano” da Mooca.

Notas

* Profa. dra. do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". Este trabalho foi financiado pelo Processo 2007/5646-7, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

¹ Torres, H. Afinal, a desconcentração produtiva é ou não é relevante? A cidade de São Paulo no olho do furacão. **Novos Estudos**. Cebrap, n. 94, São Paulo, novembro de 2012, pp. 69-88.

² Caldeira, T.P.R. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos**. Cebrap, n. 47, São Paulo, março 1997, pp. 155-176.

³ Borges Pereira, J.B. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. **Revista USP**, São Paulo, n.46, junho/agosto, 2000, pp. 6-29.

⁴ Idem, p.27.

⁵ Borges Pereira, J.B. Perfis da Italianidade no Brasil. In: Matos, E., Cavalcante, N. et al. (orgs) **A presença de Castello**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; IEB, 2003, pp. 429-438.

⁶ Idem.

⁷ Duarte, A. L. **Cultura popular e Cultura política no Após-Guerra**: redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1942-1973. Doutorado. IFCH-Unicamp, Campinas, Brasil, 2002, pp. 1-273.

⁸ Sevckenko, N. Uma Periferia no Centro. **Brasmitte**. São Paulo: Arte Cidade, 1997, pp 60-69.

⁹ Duarte, idem.

¹⁰ Idem

¹¹ Torres, M. C. M. O bairro do Brás, 2ª. edição, São Paulo, PMSP/Sec. Ed. e Cultura, 1981, apud Duarte, 2002.

¹² Bagnoli, H.; Sachetta, J.; Zuleika A, Museu da Imigração – roteiro, São Paulo, Mimeo/Museo da Imigração, março de 1994, apud, idem, 2002. Sobre essas pluralidade étnica e nacional ver Rolnik, R. **Cada um no seu lugar**, São Paulo, Início da Industrialização: Geografia do Poder. Mestrado. FAU-USP. São Paulo, Brasil, 1981, pp 1-217. Paoli, M. C. São Paulo operária e suas imagens (1900-1940). **Espaço e Debates**, n. 33, São Paulo, 1991, pp. 27-41.

¹³ Duarte, op.cit.

¹⁴ Vargas, J.H.C. **À espera do passado**. As transformações recentes de São Paulo vistas de seu epicentro. Mestrado. IFCH-Unicamp. Campinas, Brasil,1993, pp 1-369.

¹⁵ Idem

¹⁶ Idem; Duarte, op. cit.

¹⁷ Essa redução na reconstrução da memória é abordada a partir de uma dominância do presente sobre o passado, este reduzido a “distorções” e à “ficção” e pelo cotejamento das fontes orais pelas fontes escritas. Estas restituiriam a verdade do passado frente ao esquecimento e omissão das primeiras. Este procedimento descuida do problema de que não só as fontes orais, mas também as escritas são perpassadas pela subjetividade.

¹⁸ Segundo M. Hall, não existiram “guetos étnicos” na cidade, tal como ocorrera em algumas cidades norte-americanas, a despeito da concentração de imigrantes em alguns bairros, e em alguns casos, de algumas nacionalidades. Imigrantes na Cidade de São Paulo. In: Porta, P. (org). **História da Cidade de São Paulo**, vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp 121-151.

¹⁹ Duarte, op. cit. p. 208 – grifos do autor.

²⁰ Idem

²¹ Idem

²²Anderson o associa à “imaginação” e a “criação” e não à “contrafação” e “falsidade”, como o faz E. Gellner. Anderson, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras. 2008. p. 33

²³ Duarte, op. cit., p. 235.

²⁴ S. Freitas aborda a imigração para a Mooca após a II Guerra Mundial de italianos do Monte San Giacomo e Sanza, mas não estabelece uma relação direta entre estes novos grupos e a tipicidade italiana, pois os grupos das outras nacionalidades, como os espanhóis e lituanos também se instalaram no bairro neste período. **Falam os Imigrantes**: armênios, chineses, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos. Doutorado. FFLCH-USP, São Paulo, Brasil, 2001, pp 1-374.

²⁵ Duarte, op.cit.

²⁶ Borges Pereira, op. cit., 2003.

²⁷ Idem, p. 430.

²⁸ Borges Pereira op. cit., 2000: p. 8

²⁹ Hall, op.cit., 2004, p. 124

³⁰ Segundo o autor, esse último revela-se sobretudo no movimento modernista brasileiro. Borges Pereira, op. cit, 2003.

³¹ Idem 2003, p. 430-431.

³² Idem.

³³ Borges Pereira, op. cit., 2000, p. 14.

³⁴ Uma síntese crítica da bibliografia sobre essas compatibilidades e assimilação na imigração italiana encontra-se em Borges Pereira, op. cit, 2000 e Hall M, op. cit, 2004; e Hall, M. Entre a Etnicidade e a Classe em São Paulo. In. Carneiro, M.L.T, Croci, F. Franzina, E. (orgs). **História do Trabalho e Histórias da Imigração**. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2010, pp. 49-63.

³⁵ Borges Pereira, op. cit, 2000, p. 15.

³⁶ Este tema foi abordado nos contextos nacional, por Borges Pereira, op. cit. 2000, paulistano, por Freitas, op. cit., e no bairro da Mooca, por Duarte, op.cit.

³⁷ Op. cit.

³⁸ Idem. A autora não exclui a explicação dada pelos próprios os imigrantes que associam estes enfraquecimento aos casamentos interétnicos. Todavia, os grupos de imigrantes que vieram após a II GG reativaram estas associações.

³⁹ Hall, op. cit, 2004.

⁴⁰ Mortara, G, Immigration to Brazil: some observations on the linguistic assimilation of immigrants and their descendants in Brazil, **Cultural assimilation of immigrants**, suplemento à Population studies, no. 4, 1950, pp. 39-44, apud, Hall, idem, p. 128.

⁴¹ Hall, op. cit., 2010, p. 336.

⁴² Forma como alguns moradores mais antigos se autodenominam.

⁴³ Hobsbawm, E. e Ranger, T. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

⁴⁴ Mooca 450 anos. **Estação Leste**. Ano 01, n. 1, agosto de 2006. Associação Comercial de São Paulo – Diretoria Distrital Mooca; Mooca 452 anos. Jornal da Mooca. 16 a 31 de agosto de 2008/ano 2/n.35; Mooca. A História, as indústrias, os hábitos e a culinária de sua gente. **Revista Vivere**. Ano 1, n. 1, setembro de 2008.

⁴⁵ Hobsbawm, op. cit.

⁴⁶ Pollak, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2 n. 3, 1989, p 3-15.

⁴⁷ A “invenção das tradições” e o “enquadramento da memória” são distintos quanto às relações entre memória e história. Se a primeira pressupõe uma distância entre a história, como “memória oficial”, e a memória “espontânea” dos grupos – daí Hobsbawm afirmar que a continuidade do passado se estabelece de “forma artificial” - o enquadramento, ao pressupor um “trabalho” implica uma relação dinâmica entre ambas e, neste sentido, impõe um limite a essa artificialidade.

⁴⁸ Pollak, op. cit, p. 10.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Ibid, p. 12.

⁵¹ Esta “cultura da memória” refere-se a um deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo na modernidade, dos futuros presentes para os passados presentes. Huyssen, A. **Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

⁵² Arantes, A. A. O Patrimônio Cultural e seus usos nas cidades contemporâneas. In Mori, V. H. et al. **Patrimônio: Atualizando o debate**. São Paulo: 9º. SR/IPHAN, 2006.

⁵³ A telenovela Os Imigrantes, exibida pela TV Bandeirantes em 1981, foi pioneira na temática, depois retomada em Rei do Gado (1996), Terra Nostra (1999) e Esperança (2002) todas de autoria de Benedito Ruy Barbosa. Nos anos 80, um das tramas da novela Sassaricando (1987-1988), escrita por Silvio de Abreu, é ambientada na Mooca. É também de sua autoria a Próxima Vítima (1995); Belíssima (2005-2006); Passione (2010-2011). Vale também notar a minissérie Anarquistas, Graças a Deus (1984), baseada na autobiografia de Zélia Gattai. Bryan, G. A linguagem ítalo-brasileira. **Revista Língua Portuguesa**. n.71. 4/10/2010.

⁵⁴ É o que ocorre em Terra Nostra, ao retratar a saga da imigração no país. À época, Dona Maria Carta, moradora do bairro do Brás e uma das *nonna* da Festa de Nossa Senhora de Casaluce, participou como figurante, no papel de imigrante recém chegada ao Porto de Santos. Entrevista à autora. 05/1999.

⁵⁵ Entre as reedições estão: Alves, M. R., **Casas Paulistanas**. Pequenos Tesouros da Mooca na Transformação de São Paulo. São Paulo: Casa Paulistana de Comunicação, 1998; Carta, M. **Crônicas da Mooca** (com a benção de San Gennaro), São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. Entre as edições estão: Florido, E. **Mooca, 450 anos**. São Paulo: Gráficos da Alegria, 2006; Barbulho, E. **Mooca: Passando pelo Túnel do Tempo**. São Paulo, 2006. Este último foi financiado pela incorporadora Setin. À exceção do jornalista M. Carta, todos os livros foram escritos por seus moradores e ex-moradores.

⁵⁶ A exposição **Mooca na Paulista**, na Casa das Rosas, em 2006. Dez anos antes, em 1997, a exposição **Mooca Oggi**, ocorreu no Museu da Imigração.

⁵⁷ Natali, Adriana. “Um sotaque pode ser tombado?” **Revista Língua Portuguesa**. N.57

⁵⁸ www.portaldamooca.com.br.

⁵⁹ Angelo Agarelli, criador do Portal. Entrevista à autora. 09/2014.

⁶⁰ Na literatura do início do século XX a reelaboração satírica da linguagem popular ítalo paulista por Juó Bananere, heterônimo do jornalista Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, publicadas no **Pirralho** e n’**O Estado de São Paulo** e a obra de Alcântara

Machado, **Brás, Bexiga e Barra Funda**. Carelli, M. **Carcamanos e Comendadores**. Os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919-1930). São Paulo, Ática, 1982.

⁶¹ Segundo Cláudio Oddone, ex-coordenador da festa de San Gennaro, “Naquela época [a Segunda Guerra Mundial], meu pai um dia foi preso porque falou italiano, brincou em italiano na rua. Não podia nem falar em italiano na rua”. Entrevista à autora. 06/1999.

⁶² Daí ser possível o pedido de tombamento do sotaque da Mooca ser formalizado ao Conpresp pelo vereador Juscelino Gadelha (PSDB), ex-morador da baixa Mooca, migrante nacional, nascido no Mato Grosso.

⁶³ Mooca 450 anos. **Estação Leste**, op. cit.

⁶⁴ No período entre 1993-2003, 48 empreendimentos foram lançados, numa média de 4,4 por ano. Já no período 2004-2009, foram lançados 43, numa média de 7,2 por ano. Ou seja, o segundo período apresentou um aumento de 64% na média anual. Os números absolutos foram colhidos pela Embraesp. www.sempla.prefeitura.sp.gov.br/infocidade.

⁶⁵ Amaral d’Avila Engenharia de Avaliações, em *Folha de S. Paulo*, 23 jan. 2005. apud. Pereira, V.S. **Memória industrial e transformações urbanas na virada do século XXI**: os casos do Brás, Mooca, Belenzinho e Pari. *InterfacEHS*, v. 2, 2007, p. 1-7.

⁶⁶ Campanha de lançamento do condomínio La Dolce Vita Nuova Mooca, da Agra Fal2/Setin/Abyara. In. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02, 12, 16, outubro de 2004; e Folder **Guia de Bairro – Mooca** da Cyrela Brazil Realty, de 2004 e sua versão ampliada e revista em setembro de 2008.

⁶⁷ Agra Fal 2/Setin/Abyara. Informe Publicitário.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

⁷² Minha Mooca. Guia de Bairro Mooca, op. cit., 2008.

⁷³ Pereira, 2007, op. cit.

⁷⁴ A construção do Condomínio *La Dolce Vita Nuova* Mooca, requereu a demolição de um antigo galpão industrial, do empresário Jorge Street e depois, das Indústrias Matarazzo.

⁷⁵ Pereira, 2007, op. cit.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem, grifos nossos.

⁷⁸ Auge apud A.A. Arantes. Sobre inventários e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: ensaio de antropologia pública. In. **Anuário Antropológico/2007-2008**. Rio de Janeiro, 2009: pp. 173-222.

⁷⁹ Ver Frúgoli Jr., H. Sobre o alcance do conceito de gentrification para pensar sobre intervenções urbanísticas em áreas centrais de cidades: o caso de São Paulo. Primer Congreso Latinoamericano de Antropología. Rosario, 11 a 15 de julho de 2005; Smith, N. **The New Urban Frontier: gentrification and the revanchist city**. Routledge, 1996; Zukin, S. **Paisagens urbanas pós modernas**: mapeando cultura e poder. Paisagens do século XXI: Notas sobre a Mudança Social e o Espaço Urbano. In. Arantes, A.A (org). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papiurus, 2000.

⁸⁰ Ver Duarte, 2003, op. cit.

⁸¹ Pereira, V.S. O debate público sobre as antigas áreas industrializadas da cidade de São Paulo e sua nova configuração urbana: identidade, processo de rememoração e crise de legitimidade legal. In: 34o Encontro Anual da ANPOCS, 2010, Caxambu.

⁸² No sentido de incorporarem um saber especializado das práticas patrimoniais devido ao intercâmbio com os técnicos, arquitetos, historiadores do Estado, em suas demandas preservacionistas. É neste sentido que Arantes (2009), retomando uma noção de A. Giddens, afirma ser a construção das identidades sociais um processo cada vez mais reflexivo.

⁸³ Foi o que observamos durante audiência de revisão do Plano Diretor Regional – Mooca, realizada na Universidade São Judas Tadeu, em agosto de 2006.

⁸⁴ Pereira, V.S. Preservar, demolir, construir ou ocupar a creche Ninho Jardim Condessa Marina R. Crespi: de todos os riscos o risco. **Estudos Historicos**, Rio de Janeiro, v. 29, 2016, p. 107-128.